

ABEL DUERË

Abel Duerë deixou a região de Benguela, em Angola, com sonho semelhante ao de milhares de garotos brasileiros. Queria ser jogador de futebol e cantor de semba, ritmo cuja corruptela desaguou no mais conhecido gênero musical lusófono deste lado do Atlântico. No sugestivo bairro do Feijão Mistura, onde morava, conheceu a música dos negros, dos mestiços e dos brancos. Em especial, agradavam-lhe os fados cantados pela mãe branca e os cantos de lavadeiras entoados pela mãe preta. A vida parecia mais calorosa quando ritmada em kimbundo, kicongo, hambundo, três das 18 línguas da nação Angola.

Depois de uma temporada em Portugal, terra paterna, o menino despontou como promessa nas divisões-de-base do Estoril, e resolveu atravessar o oceano. Nenhum lugar poderia oferecer melhores oportunidades a um aspirante aos ritmos do futebol e da música do que o Rio de Janeiro. A constatação de que os meninos de Estoril não faziam sombra à maioria dos concorrentes nas peneiras dos clubes cariocas, fizeram do futebol uma opção remota. As únicas distâncias permitidas àquela altura eram as percorridas nas linhas de uma viação de ônibus, no subúrbio do Rio, onde conseguira um emprego.

Felizmente, havia a música. E a primeira tentativa seria justamente no programa de maior popularidade da TV Brasileira: o Cassino do Chacrinha. A fila de calouros apresentava concorrentes mais exóticos e, provavelmente, menos competitivos que os das peneiras dos clubes. Quando chegou sua vez, o maestro impressionou-se com a voz de tenor, potente e afinada do jovem: “sua voz é boa, mas o sotaque é muito forte. Volte daqui a um mês”. Trinta dias depois, o sotaque abrandara pouco, mas o talento e a insistência do garoto acabaram garantindo-lhe uma oportunidade no programa, até o Velho Guerreiro buzinar-lhe o acento lusitano na primeira nota. Saiu da TV com um abacaxi num braço e uma chacrete no outro.

Os anos 80 chegavam e traziam a reboque uma cultura moderna, jovem e antenada, cuja linguagem pop logo atraiu a atenção de Abel. À medida que o autoritarismo recrudescia no Brasil da Nova República, uma nova geração mostrava-se mais aberta aos ouvidos do mundo, sucedendo com guitarras e embalos quentes a profusão de metáforas políticas utilizadas para driblar a censura na década anterior. Em Angola, no entanto, a guerra civil espalhava mortos e mutilados por todo o território. Nos telejornais, a Angola de que o Brasil tinha a notícia, não era a dos ritmos alegres e da gente colorida que Abel conhecia, mas a de um país que sangrava.

Abel tornara-se publicitário e iniciara uma carreira de empresário. Mas não era possível que a influência dos cantos de lavadeiras escutados na infância se restringissem às sofisticadas louças vendidas em sua loja de peças para banheiro, uma das melhores do Rio. É hora de a música instalar-se definitivamente na vida do angolano, àquela altura mais brasileiro do que nunca. Abel ratificava sua identidade, em busca de um diálogo que unisse as influências dos países-chaves na constituição Duerë: Angola, Brasil e Portugal. Outro fator preponderante foi sua visita a Salvador, em 1988. A fusão dos batuques do Pelô com os ritmos da África e do Caribe evidenciava que era possível desenvolver novos caminhos musicais que abrangessem a riqueza dos gêneros dos dois países. Aliás, dos três, já que o fado também é um elemento presente em sua música. Tudo isso numa linguagem pop/rock, a provar que a chamada world music fica melhor temperada com uma generosa porção de Feijão Mistura.

Com estes ingredientes, seu primeiro álbum, "Criolinha", lançado pela BMG, em 1989, é bem recebido por crítica e público. O álbum traz músicas como "Madalena", "Galera" e "África Brasil" - com sonoridades próximas às que descobrira na emergente cena musical de Salvador - além de "Ombaka", "M´bemba", "Humbumbi", em dialeto. A banda reunia onze músicos negros, africanos e brasileiros. O jornalista Hagamenon Brito perguntava no jornal A Tarde, de Salvador: "será Abel o nosso Johnny Clegg?", em comparação ao africano branco que comandava uma banda de negros em bem-sucedidas incursões pelo universo afro-pop. Brito enfatiza o sucesso de "Madalena" nas FMs e define o disco como "uma viagem musical que parte do Rio, passa por Salvador e beija Angola". Abel passa a apresentar sua infusão rítmica no programa da Xuxa, na TV Globo, excursionando por várias cidades brasileiras, como uma atração a parte nos shows da cantora e apresentadora.

O segundo álbum, "Anjo do bem", sai pelo selo Crioulinha, do próprio Abel, em 1991. Em reportagem para o jornal O Globo, o crítico Mauro Ferreira apresentou-o como "o lusitano três-em-um", em referência à tripla nacionalidade do cantor. Sobre o show de lançamento, no Teatro do Hotel Nacional, no Rio, Ferreira descreve: "mistura capoeira – dançada por 12 capoeiristas liderados por Mestre Camisa – balé, folclore português, temas afros e a percussão virtuosa de Djalma Corrêa". O disco traz músicas como "Doun Doun", "Kimbele", "Alegre", "Mama-papa", "O quê que há", além de "Txuiee", cantada nos 18 dialetos angolanos.

De tanto flertar com a Bahia, Abel resolve passar uma temporada em Salvador, a fim de dar prosseguimento à sua pesquisa de ritmos. Em 1994, ganhou sete das oito categorias a que fora indicado no Troféu Caymmi. O jornal Correio da Bahia registrou: "Duerê saiu do Teatro Iemanjá precisando de um carrinho de mão para levar seus sete troféus, inclusive o de melhor show". A consagração na capital baiana viabilizou a gravação de seu terceiro disco, "Batuquerê", incentivado pela Copene. O CD trazia, além da faixa-título, temas como "Ê D´Já", "Kimbele", "Muxima", "Alma de cera", "Glória ao Pai", "Trem de muitas estações". No Rio, o disco foi lançado no Canecão, com a participação de Sivuca. No mesmo período, Abel compôs "Canção para Angola", gravada ao lado de Alcione, Mauricio Mattar, Tânia Alves e Zezé Motta. O videoclipe da canção pode ser encontrado no You Tube.

Abel foi uma das atrações da Expo 98, em Lisboa. Na primeira vez em que se apresentava em Portugal, foi incensado pela imprensa, que deu grande cobertura a seus shows no Teatro Camões. O crítico António Tomás, do jornal Público, detalha a abertura: "Abel apresentou-se a rigor: vestiu um imenso bubu (túnica africana) violeta e trazia os pezinhos diáfanos descalços. Entoou "Botem", música do folclore angolano". João Miguel Tavares, do Diário de Notícias, destaca a "mistura original de cantares nos dialectos tribais com uma batida marcadamente pop". E fala dos projetos humanitários desenvolvidos por Abel em Angola, que ainda hoje distribuem brinquedos, roupas e alimentos às crianças das regiões mais pobres do país.

O músico prepara, para o segundo semestre de 2008, o lançamento de seu primeiro DVD, "Ombaka" (nome em dialeto de sua região natal), onde perpassa 20 anos de carreira em uma pulsante gravação ao vivo. O cidadão africano coordena a criação da Casa de Angola, para atender a cerca de dois mil angolanos que vivem na Favela da Maré no Rio, inclusive com incentivo para a música e a dança. A mostrar que a face mais visível – e audível - de Angola deve ser sempre aquela dos kimbundos, kicongos e humbundos, há séculos entoada pelas mães pretas na Benguela ancestral.

Julio Moura